

Retrato do Rei D. Carlos

Portrait of King Carlos I of Portugal



Rui Tato MARINHO¹
Acta Med Port 2013 Mar-Apr;26(2):182-183



Figura 1- José Malhoa, 1891. Óleo sobre tela, 265 x 175 cm. Museu da Assembleia da República, Sala da Câmara dos Pares. Lisboa. Portugal.

1. Editor-Chefe. Acta Médica Portuguesa. Lisboa. & Serviço de Gastrenterologia e Hepatologia. Hospital de Santa Maria. Centro Hospitalar Lisboa. Lisboa. Portugal.
Recebido: 20 de Abril de 2013 - Aceite: 23 de Abril de 2013 | Copyright © Ordem dos Médicos 2012

Palavras-chave: História da Medicina do Século XX; Portugal.

Keywords: History, 20th Century; Portugal.

José Malhoa foi um dos pioneiros do Naturalismo em Portugal e um dos pintores portugueses que mais se aproximou dos impressionistas.

Era natural das Caldas da Rainha, onde nasceu a 28 de Abril de 1855, tendo falecido a 26 de Outubro de 1993, com 78 anos, em Figueiró dos Vinhos. Foi o primeiro presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago. No ano da sua morte, foi criado o Museu de José Malhoa nas Caldas da Rainha, onde se encontram em exposição algumas pinturas e desenhos da sua autoria.

Duas das suas obras mais conhecidas retratam o problema do consumo excessivo de álcool, presente na sociedade portuguesa desde há longa data: “Os bêbados, ou festejando o S. Martinho” e “O Fado”, quadros de grandes dimensões (150 x 200 cm e 150 x 183 cm), pintados respectivamente em 1907 e 1910.^{1,2}

O “Retrato do Rei D. Carlos” é uma imagem de corpo inteiro do monarca em pose formal, trajando farda de gala com galões, medalhas e faixas, capa de arminho, capacete com plumas e espada. São ainda visíveis a coroa, livros e um trono dourado estofado a veludo. Foi pintado em 1891, tinha o Rei então 28 anos, dois anos depois de ter subido ao trono.

D. Carlos (n. 28/09/1863, m. 1/02/1908, Lisboa) foi um rei multifacetado, tendo-se dedicado, para além da diplomacia, a várias actividades no domínio da oceanografia, ornitologia, desportos, desenho e mesmo pintura.

Viria a ser assassinado em 1908, após 19 anos de reinado, com ‘apenas’ 44 anos, atingido por arma de fogo.³ Os tiros penetraram as costas, um deles atingindo a última vértebra cervical que fracturou com lesão da medula, e o outro a região torácica, tendo ficado o projectil alojado no pulmão direito.

Nessa data, eram temas centrais do “New England Journal of Medicine” (NEJM 1908. www.nejm.org/medical-archives/1908) doenças como a sífilis, vacinas, os avanços da cirurgia, da anestesia, epilepsia, esofagoscopia, o uso dos raios-X, a doença mental, a prática da Medicina, a relação com a comunidade, febre tifóide e diabetes - estas

duas últimas terão afectado o Rei D. Carlos I. Uma das matérias mais recorrentes e quase sempre presente nas páginas dessa publicação era nessa altura a tuberculose.⁴

No mesmo ano, em 1908, o prémio Nobel da Medicina seria atribuído a Ilya Ilyich Mechnikov - o russo que em 1903, já fora um dos primeiros a pensar na gerontologia - e a Paul Ehrlich, pelos trabalhos de investigação em fagocitose. Na área da Física, foi distinguido Ernest Rutherford, pai da física nuclear; o Nobel da Química, esse foi entregue a Jonas Gabriel Lippmann pelos primeiros passos nas fotografias a cores.

Passados 105 anos sobre a data do assassinio do Rei D. Carlos I, as mortes por causas não naturais, e em particular as decorrentes de actos violentos com armas de fogo, atingem proporções epidémicas em alguns países, designadamente nos Estados Unidos da América, onde representam 1,2% da taxa de mortalidade.⁵

Os ganhos de saúde para a humanidade foram neste intervalo de tempo tremendos: a esperança média de vida subiu de 36 para 79 anos, a mortalidade infantil desceu de 134 para 3,4 por 1000, a média de filhos desceu de 2,9 para 1,3 por mulher. A população portuguesa, que a essa data se estimava em cerca de 4,1 milhões,⁶ atingiu, de acordo com o “Census de 2011”, 10,5 milhões de habitantes.

Na realidade, Portugal tem actualmente um dos mais baixos índices de mortalidade infantil e uma das mais longas esperanças média de vida a nível mundial. A este facto não é alheio termos sido considerados em 2000 como o 12º sistema de saúde mais eficiente do Mundo, entre quase 200 países avaliados, de acordo com a Organização Mundial de Saúde.⁷

Entre o Rei D. Carlos I e o início do séc. XXI, vivemos de facto cem anos que mudaram o Mundo, Portugal e a Humanidade.

AGRADECIMENTOS

A Acta Médica Portuguesa e a Ordem dos Médicos agradecem ao Museu da Assembleia da República a gentil cedência dos direitos de reprodução deste quadro e a oportunidade de o divulgar.

REFERÊNCIAS

1. Sherlock S. Alcohol and liver damage. Acta Med Port. 1981;Suppl 2):49-58.
2. Breda J, Vaz de Almeida MD. Validação de um instrumento de avaliação da ingestão de bebidas alcoólicas e de etanol por consumidores excessivos. Acta Med Port. 2010;23:955-64.
3. Barata J. Uma nosografia de D. Carlos I no centenário do regicídio. Med Int. 2008;15:141-5.
4. Amaral L. Thioridazine: an old neuroleptic effective against totally drug resistant tuberculosis. Acta Med Port. 2012;25:118-21.
5. Wadman M. Firearms research: The gun fighter. Nature. 2013;496:412-5.
6. Gapminder Foundation. [acesso Maio 2013]. Disponível em: <http://www.gapminder.org/world>.
7. Tandon A, Murray CJL, Lauer JA, Evans DB. Measuring overall health system performance for 191 countries GPE Discussion Paper nº 30. Geneve: World Health Organization;2000.